

Garantindo o 10 na Argumentação da UNICAMP!

1. Estrutura-padrão do parágrafo de Desenvolvimento:

- 1.1. Uso de mecanismos de articulação com o parágrafo anterior (conectivo/gancho);
- 1.2. Apresentação de um tópico frasal;
- 1.3. Comprovação da opinião (com evidências ou premissas);
- 1.4. Uso de mecanismo de articulação com o parágrafo seguinte (conectivo/gancho).

Exemplo de D1: Tema: O valor da educação nas transformações sociais do Brasil

Em primeiro lugar, é preciso entender o real valor das instituições de ensino e como elas podem ajudar a resolver problemas do nosso tempo. Em um contexto de desigualdade, discriminação e crescimento da violência, começar mudanças pela escola não é só importante, mas essencial. Paulo Freire, importante educador e filósofo, já confirmou essa relevância quando afirmou que sem a educação a sociedade não muda. Entretanto, é fácil perceber que essa importância não é tão reconhecida e essa função da instituição é deixada de lado no nosso país.

Exemplo de D2: Tema: O valor da educação nas transformações sociais do Brasil

Apesar de apontado como crucial por Freire, tal papel do ensino não é prioridade hoje. A era dos concursos, dos vestibulares, da valorização do ensino superior chegou às escolas, e tudo o que é dado em sala tem apenas um objetivo: a aprovação. Campanhas de arrecadação de alimentos, visitas a instituições e discussões focadas em direitos humanos não estão mais na agenda das aulas. Se não há incentivo a essas atividades, não há por que entender o valor do meio nas transformações sociais. As mudanças, então, não devem começar só pelas causas, mas também pela própria necessidade de se entender essa importância.

Exemplo 2 de D1: Tema: Como incluir, no âmbito social, o hábito da leitura e de enriquecer o conhecimento?

Em um primeiro plano, é importante analisar o problema pela sua raiz: a educação. Instituições de ensino, hoje, não incentivam mais a leitura diária. É fato que ainda há escolas e universidades de ensino mais tradicional que adotam livros para o ano letivo e trabalham seu conteúdo em sala de aula, mas, em sua grande maioria, os principais agentes responsáveis pela criação do hábito na sociedade não se preocupam mais com a leitura. O foco do ensino hoje está nos concursos e, uma vez que as provas não cobram mais o conhecimento acerca de determinadas histórias, não há incentivo para a sua adoção. O problema, porém, não se resume à negligência.

Exemplo 2 de D2: Tema: Como incluir, no âmbito social, o hábito da leitura e de enriquecer o conhecimento?

Enquanto as instituições não fazem a sua parte, o mercado mostra a que veio: a cada dia, o preço dos livros em lojas físicas fica maior. Diante de um mercado digital que ainda cresce pouco no mundo, crescimento que ajudaria a amenizar o problema, o já baixo número de consumidores diminui ainda mais pelos altos valores. Prova disso é a diversificação de produtos por parte de livrarias renomadas em prol de não perderem seu lugar no comércio, como muitas “megastores”. A escassez na venda de livros traz prejuízos compensados por eletrônicos, CDs, DVDs e brinquedos. Nesse sentido, o incentivo, que já era pouco, é posto em xeque pela própria precificação.

2. Estratégias argumentativas

Exemplo 3: Alimentação irregular e obesidade no Brasil

Em primeiro lugar, é importante analisar o sucesso de uma refeição nada benéfica. Vítima da aceleração do mundo moderno, a alimentação tem se resumido a produtos industrializados e aos famosos fast-foods, não tão saudáveis e pouquíssimo nutritivos. Adaptando a ideia de modernidade líquida de Zygmunt Bauman, parece que, hoje, o prazer imediato e o pouco cuidado com o futuro têm sido prioridade na vida do indivíduo brasileiro, que, em todo o tempo, prefere o mais rápido – e, de certa forma, mais saboroso – e deixa de lado o que pode, de fato, alimentá-lo. Diante deste fator, surgem diversas consequências que evidenciam ainda mais as características do mundo atual.

Exemplo 4:

Dentre esses efeitos, o que parece se destacar mais é a obesidade. Sabe-se, porém, que esse excesso é apenas o início de uma variedade de problemas que, em conjunto, podem prejudicar ainda mais o indivíduo. De acordo com o Ministério da Saúde, o número de pessoas acima do peso no Brasil já é maior do que a metade da população, atingindo 52% em 2015. O mais preocupante, entretanto, são os frutos desse problema: além de desequilíbrios psicológicos, como a bulimia, o sobrepeso abre caminho para a hipertensão, a diabetes e muitas outras consequências físicas que podem trazer resultados trágicos. Percebe-se, então, certa urgência na adoção de medidas que trabalhem esses problemas e seus efeitos.

Exemplo 5: O valor dos animais de estimação na sociedade contemporânea

Em primeiro lugar, convém analisar o valor desses bichos para a sociedade, não só agora, mas em toda a história. Já no Egito antigo, os animais eram tão admirados que representavam deuses, como Anúbis, deus da morte, que possuía cabeça de cachorro. Os gatos, principais caçadores de ratos que destruíam as colheitas da região, eram sagrados para aquele povo. Hoje, com o desenvolvimento de novas técnicas terapêuticas, animais de estimação são importantes ferramentas na cura de distúrbios psicológicos e até deficiências físicas. Fica claro que o famoso posto de “melhor amigo do homem” nunca fez tanto sentido.

Exemplo 6: A cultura de assédio no Brasil

Em primeiro lugar, é importante ressaltar a forte carga cultural presente nesse comportamento. Isso ocorre, pois, desde os tempos de Brasil Colônia, há uma reprodução massiva dos valores de machismo e patriarcalismo, subjugando a mulher. Apesar das recentes conquistas, ainda podemos ver reflexos desse modo de agir e pensar em pleno século XXI. Prova disso é o assustador percentual de mulheres – 99,6% num universo de 8 mil – que dizem já terem passado por situações constrangedoras, segundo pesquisa da campanha “Chega de Fiu-Fiu”, promovida pelo blog Think Olga – e que se assemelha ao número encontrado em consulta feita nos EUA.

Exemplo 7: A redução da maioridade penal no Brasil

Tese: Devemos, então, analisar os dois extremos para resolver esse impasse e encontrar a melhor forma de mostrar que diminuir a maioridade não é o caminho mais interessante.

Em primeiro lugar, é importante considerar os principais pontos levantados por quem é favorável a esse projeto de lei. É relevante entender isso, pois grande parte da população tem se mostrado simpática à proposta. Esse grupo aponta que em vários países do mundo a idade para ser julgado como adulto é inferior à do Brasil. Além disso, destaca que, se um jovem de 16 anos é consciente para votar, também o é para responder criminalmente por seus atos, principalmente aqueles cometidos contra a vida. Os defensores da redução, porém, se esquecem de alguns dados importantes nessa discussão, levantados por quem é contrário ao projeto.

Quem discorda da ideia, então, rebate esses argumentos se baseando em estatísticas do CNJ (Conselho Nacional de Justiça) e da Unesco, provando, respectivamente, que o sistema prisional é ineficiente – possui índice de reincidência de 70% – e não reduz a violência, pois nenhum país teve queda nas taxas de criminalidade depois de reduzir a maioridade. Além disso, ainda segundo o CNJ, menos de 10% das infrações cometidas por menores são atentados à vida – os mais apontados pelos defensores. Destaca-se, também, que o cidadão brasileiro é responsabilizado penalmente a partir dos 12 anos e que aos 16 o voto é facultativo, não sendo critério definidor de “consciência plena”. Apontam, ainda, a tendência de se elevar a maioridade em vários países no mundo, inclusive em alguns pontos dos EUA. Tais dados confirmam a necessidade de manutenção da atual lei e a inconsistência dos argumentos dos favoráveis à mudança.

Retomada da tese: Torna-se claro, portanto, que a redução não é a solução mais adequada e que, a fim de resolver os problemas e extinguir de vez essa possibilidade, algo precisa ser feito a curto prazo.

Exemplo 8: A melhor maneira de lidar com a dor da perda

Inúmeras situações na vida transmitem a ideia de um mal sem solução. Frequentemente, elas envolvem perdas ou grandes mudanças, como o fim de um relacionamento, a mudança de cidade, etc. No entanto, as situações mais dolorosas são aquelas relacionadas à morte de alguém. Apesar de os indivíduos sentirem e reagirem de formas diferentes, a dor de uma perda é, quase sempre, irreparável. Resta-nos saber qual a melhor maneira de lidar com a situação, a fim de superá-la.

Todas as pessoas passarão, inevitavelmente, por uma situação dolorosa. Ao lidar com uma perda, há quem prefira reprimir os sentimentos e fingir que está tudo bem. Outros, para fugir do emocional, tentam questionar razões, ou ainda são práticos, procurando, sempre, ocupar o tempo para não refletir sobre o que aconteceu. Porém, negar e mascarar a lástima não é o mesmo que eliminá-la. Encarar a dor não significa demonstrar fraqueza, mas sim o primeiro passo para superá-la.

Em contrapartida, há os indivíduos que optam por aceitar, desde o início, a circunstância dolorosa. É preciso entender que a perda é real e irreversível. Para isso, é importante conversar com outras pessoas, manter lembranças boas, enfrentar os sentimentos de culpa e revolta e, principalmente, não se isolar. Muitas vezes a ajuda profissional é a melhor alternativa, pois trabalha todos os passos para a superação.

Como enfrentarmos a perda? Este é um assunto que muitos tentam evitar, mas é algo que deve ser encarado. Fica claro, portanto, que negar o luto não é a melhor opção, sendo apenas uma forma de adiar o sofrimento. Aceitar e enfrentar, desde o primeiro momento, é o segredo para superar o luto e voltar a viver normalmente, guardando apenas as lembranças boas.

Exemplo 9: Adaptações de clássicos no Brasil: é válido facilitar?**Facilitar é o primeiro passo**

No livro “A ordem do discurso”, ao apontar “Odisseia”, de Homero, em uma de suas explicações acerca da construção desse discurso, Michel Foucault o apresenta como o “texto primeiro”, o original, de onde partem outras versões que o autor chama de comentários, fieis à essência do primeiro da linhagem. Hoje muito comuns, essas adaptações despertam amor e ódio por parte de estudiosos e leitores. Diante de opiniões positivas e negativas, a discussão toma outro rumo: em prol do interesse por parte dos alunos e da manutenção dos clássicos na agenda das escolas, é válido pensar nas adaptações como um passo para a apresentação dos textos primitivos em sala de aula.

Em um primeiro plano, é válido analisar a opinião daqueles que chegam a criminalizar outras versões das obras. De acordo com esses críticos, considerados puristas, as mudanças trazem perdas na essência da história, além de transformações no ritmo e nas palavras do livro. Uma vez que alguém pretende adaptar um texto, é fato que o vocabulário e o andamento obedecerão a determinado contexto, entretanto, buscando encanto por parte dos alunos – que, em sua maioria, têm aversão ao que é mais antigo –, essa pode ser uma estratégia interessante. Um exemplo claro disso está em “Ciumento de carteirinha”, versão de Moacyr Scliar para “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, muito recomendado para leitura em escolas.

Nesse contexto de busca de um atrativo, há quem sustente a ideia de que essas mudanças são válidas e não tiram o valor das obras originais. Muitas das novas versões são apresentadas com outras narrativas, mantendo apenas a ideia original, como é o caso do livro de Scliar. Ao ver dos que apoiam a estratégia, a série é tão legítima quanto adaptações feitas por grandes nomes, como o próprio Machado de Assis, que traduziu – e, no processo de tradução, trouxe para a obra a sua essência – “O corvo”, de Edgar Allan Poe. Diante disso, é importante considerar a facilitação como uma forma de levar a atenção dos estudantes até os originais. Conhecendo a história, a sequência dos fatos, a linguagem pode não ser mais um fator de repulsão.

Torna-se evidente, portanto, que, a fim de evitar esse impasse, conciliar as duas posições é o melhor caminho. Assim, para apresentar as adaptações como um passo para os clássicos, governo e escolas, em parceria, podem promover palestras desses adaptadores, de forma que

mostrem a verdadeira inspiração para seus livros. Além disso, a mídia, inserida nessa parceria, pode trabalhar campanhas que mostrem texto primeiro e revisitado, de forma que tal conexão também seja feita pelos leitores. Só assim, facilitando e abrindo portas para o mais complexo, a associação feita por Foucault em 1970, destacando a fidelidade entre obra original e comentário, poderá se aplicar aos dias atuais.